



Meu caminho no fotografar

Cris Tupã¹

Resumo

Ensaio com imagens feitas nas comunidades Guarani Aldeia Itaty, Palhoça, SC e da Aldeia Biguaçu, município de Biguaçu, Santa Catarina.

Palavras-chave: Povos Originários, Guarani.

Mi camino en el fotografar

Resumo

Ensayo con imagenes hechas en las comunidades Guarani Aldeia Itaty, Palhoça, SC y da Aldeia Biguaçu, municipalidade de Biguaçu, Santa Catarina.

Palavras-chave: Pueblos Originarios, Guarani

My way in the photograph

Summary

Essay with images made in the communities Guarani Aldeia Itaty, Palhoça, SC and The Village Biguaçu, Biguaçu city, Santa Catarina.

Keywords: Originating Peoples, Guarani

A primeira foto que fiz na vida foi em 1996, a segunda foto foi em 2004, a terceira e última foto foi em 2006. Explico: Até 2006 eu pensava a fotografia ser para eles, os fotógrafos.

Em 1996 pediram para eu tirar uma foto com uma fujifilm - eu acho que era esse nome da máquina – nunca vi a revelação, eram pessoas desconhecidas que desejavam registrar um momento particular e eu passava pelo lugar. A segunda foto foi com uma máquina digital, igualmente para estranhos e sequer soube olhar no visor como a foto tinha ficado, ao que parece ficou decente ou ruim – não sei - pois não pediram para eu tirar outra. Depois de 2006 tudo mudou.

Em 2006 a Tatu me convida para participar do projeto “Dois Mundos em minha

¹ Doutorando em Serviço Social pela UFSC, indígena do povo Guarani. Email: xnomariotto@gmail.com

Janela”, projeto financiando pela lei de incentivo à cultura de Londrina-PR. O Promic incentivou a querida Tatu – então estudante de artes na Universidade Estadual de Londrina – a desenvolver o trabalho no Bairro do João Turquino/ Maracanã, o mais carente do entorno da UEL (Universidade na qual eu cursei Serviço Social). O projeto levava para crianças, adolescentes e jovens o contato com fotografia, audiovisual, a fazer animação com stop motion e fotografar a vida cotidiana. Ali aprendi com a Tatu a fotografia que hoje faço. Principalmente com as crianças (eu era assistente de produção) entendi a fotografia como parte de meu olhar sobre uma parte da vida no mundo.

Não só a Tatu foi minha prócer, a Ana Bacana (colega de curso da Tatu) tinha uma DSRL, ela sempre colava no projeto e emprestava sem dó sua objetiva... Além de amigas de copo e cruz até hoje ambas são as responsáveis pelo meu caminhar no fotografar.

Não posso olvidar do meu camarada Rubis: jornalista, fotógrafo, cinegrafista, capoeira, trompetista, homem sensível que caminhou comigo desde 2013 até 2016 pelo Brasil afora trabalhando juntos aos meus parentes indígenas, aprendi muito com ele.

Tenho que agradecer todos vocês sem dúvida, mas tem um que destaco e vou nomear Kurt Russel apenas, ele me deu minha primeira filmadora e me ensina todo dia sobre olhar tudo que se vê ou não. Gracias, hermano.

Não posso esquecer de Orivaldo, De Djekupe e Kerexu, devo a ambos a confiança guaranítica que me faz Xondaro.

Keno, Bola, Japão, Aladio e Karai: sem vocês não existe Kuré.

Desde 2006 não sei quantas fotos e vídeos eu já fiz, tenho três HD de um 1 tera cada um, repletos. Em 2017 fui provocado a enviar algumas fotos minhas para compor uma mostra, escolhi algumas e não gostei.

Resolvi ir a campo e fotografar meus parentes da Aldeia Itaty, Palhoça, SC e da Aldeia Biguaçu, Biguaçu, SC. A mostra não rolou. Guardei a fotos, não enviei para nenhum lugar, até agora.

As crianças, as alegrias, a ancestralidade, o sagrado, o cotidiano, enfim, a vida, é o que compartilho com vocês agora, na Rebela.

























